

CINE-NARRATIVAS: ENCONTROS E PASSAGENS

Gustavo Pimenta dos Santos¹

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi desenvolvido através da disciplina “Habitar a cidade: narrativas do corpo na sobremodernidade”, ministrada pelo professor Doutor Antonio Carlos Queiroz Filho, ofertada pelo programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo.

Para sua realização, o professor desenvolveu uma metodologia baseada em três movimentos, que deveriam transpassar os seguintes temas: habitar; cidade; corpo; narrativa e sobremodernidade, dos quais estes serviram como alimento para todo o processo criativo.

¹ Mestrando de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Pesquisador do Grupo de Pesquisa RASURAS – Linguagem, Poética e Movimento. gustavo_pimenta@hotmail.com.
✉ Rua Felismina Siqueira do Nascimento, 74, Centro, Viana, ES. 29.130-157.

O primeiro movimento serviu como base para despertar a produção poética que seria norteadora durante toda a forma de escrita na elaboração do artigo, através do uso de estímulos sensíveis e dinâmicas que serviram como provocações para a criação de textos referente a cada dispositivo proposto.

Para o segundo movimento, foram utilizados textos balizadores que serviram como induto para revisitarmos aqueles textos produzidos, sempre adensando mais os conceitos e estímulos trabalhados, levando durante o transcurso do seu processo de construção final, traços conceituais dos autores estudados.

No terceiro e último movimento, foi utilizado o campo como forma de estimular ainda mais o contato com os dispositivos propostos, nos possibilitando novamente visitar aquelas produções desenvolvidas, a partir das percepções que fossem auferidas pelos locais visitados. Durante esta etapa, foi também possível determinar as formas dos espaços aos quais os denomino como Encontros e Passagens, que foram trabalhados e articulados durante toda a concepção das narrativas.

Dessa maneira, a escolha do tema cine-narrativas utilizada como eixo central que perfaz todo o artigo, surge a partir destes estímulos proporcionados e as experimentações que a cada novo protocolo de experiência eram inseridos.

Além disso, por meio de sua linguagem poética, procuram através dos lugares que proporcionaram a sensação de encontros e passagens, criar na imaginação um caminho a ser explorado e descoberto, que somente pode ser trilhado pelo leitor e a forma com que este se permite ser apropriado durante todo seu percurso.

CINE-NARRATIVAS

O quarto; o casulo metálico; a praça vazia de ipês amarelos; ruas solitárias; a selva urbana; pontos que se convergem e também divergem; lugares de encontros e de passagens, carregados de histórias e estórias que percorrem a memória e permitem as narrativas criadas, um lugar junto à **poesia inventada**², assim como, um lugar que só pode ser visto por aqueles que o permitem enxergarem.

“Quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido”. Consequentemente, quem comanda a imaginação não é a imagem, mas o olhar. E quem comanda a interpretação não é a escrita, mas a leitura (MARANDOLA JR., 2006, p. 48-49).

A cine-narrativas é como um guia para imaginação através da leitura, e resulta-se das provocações auferidas pelos lugares e seus estímulos em todos os processos do percurso. O caminho trilhado não precisou se resumir em apenas uma dose da

² A palavra faz menção ao documentário “Só Dez Por Cento é Mentira” (2008), em referência ao poeta brasileiro Manoel de Barros e sua linguagem visual inventiva para narrar seu extraordinário universo.

experimentação e uma sequência lógica, assim como os geógrafos-exploradores, ele sempre esteve aberto a outras formas de se apresentar.

Nem todos os geógrafos são exploradores, e nem todos os exploradores são geógrafos. Mas os geógrafos-exploradores são aqueles que têm melhores condições de preencher e traçar seus “mapas”, pois suas explorações os levam tanto à descrição de outras formas de pensar quanto a outras formas de viver (MARANDOLA JR., 2006, p. 46).

Cena 01 – Desabafos de um corpo–palavra, corpo–medida

Final de domingo, deitado sobre minha cama, ao som de um instrumental de música popular brasileira, aguço minha reflexão para conseguir perceber as palavras que meu corpo preso entre essas quatro paredes, ou melhor, perceber as palavras que meu corpo preso encaixado em uma cama de noventa centímetros por dois metros, enquadrado em um quarto composto por uma parede de *drywall* e três paredes de alvenaria de tijolos me permite expressar.

Às vezes penso que para minha altura de um metro e oitenta e seis centímetros, sendo destas um metro e seis apenas de perna, fossem necessárias poucas pernas para que essa cama ficasse completamente preenchida, ou exatamente, três conjuntos de dois na

vertical e três peças com os vinte e seis centímetros finais cortados que seriam usados para finalizar seu total cobrimento.

Ao pensar o corpo como uma régua, me sinto obrigado a repensar e reorganizar todos os modelos e formas de medição ao qual me encontro imerso, usar o corpo dessa maneira, me faz torná-lo o próprio espaço, que é possível de ver tudo (MOREIRA, 2007).

Agora sentado, olho para os lados e vejo um cesto e duas escrivaninhas, uma delas cheia de livros e rascunhos e a outra intacta e clareada pela luz dicróica amarela de três mil watts e percebo após toda essa percepção que esse corpo de já quase meia idade não se encontra mais tão disposto a pegar o tênis e fazer uma corrida de seis quilômetros, mas prefere, se quantificar e se metrificar em seu mundo de singelos oito metros quadrados.

Ao reconhecer o meu corpo deste jeito, vejo um olhar através do cinema, como forma de reconhecer ele – o corpo – como lugar de controle e possibilidade, mesmo que, numa diferente perspectiva, seja ela, de dentro para fora ou de fora para dentro (OLIVEIRA JR., 2005).

Mesmo dentro desse retângulo de dois metros e cinquenta centímetros por três metros e vinte centímetros, seriam necessários oitenta corpos de um metro e oitenta e seis centímetros para que ele pudesse ficar com sua superfície completamente coberta, sendo necessárias ainda algumas partes para que se completassem junto ao teto devido aos descontos que seriam necessários para compensar os rebaixos de gesso.

Ainda assim, com todos esses corpos preenchidos no espaço, esse meu pequeno mundo também não se restringe a palavras internas que se calam e ali alimentam sua própria congestão, mesmo com a porta fechada, as palavras que esse corpo expressa não são impedidas de se movimentar e se lançam ao exterior para desabrochar, mas especificamente perto da janela é o lugar aonde elas se sentem mais livres para ressoar.

Em meio ao silêncio do quarto, percebo que lentamente um barulho externo começa a se fazer presente cada vez mais, ele aumenta continuamente até parecer

com que eu esteja dentro dele. Pelo menos para mim, ele é simplesmente mais um motivo para que dessa cama eu não saia e continue com meu corpo estático-reflexivo-quantificador em ação.

Ao abrir a janela para olhar ao redor, me deparo com uma quantidade considerável de cartazes pregados, panfletos, placas, promoções, indignações, pessoas se espremendo entre as paredes para caber embaixo do beiral das outras casas e percebo que cada uma das mensagens independente das formas de abordagens me atingem e me causam diferentes sensações. Esse corpo que diariamente engole as palavras, às vezes se sente num corpo-jovem; corpo-velho; corpo-livre; corpo-cansado; e por que não um corpo-morto?

Mas como é pensar num corpo que engole palavras? (MOREIRA, 2007). “Cada palavra mexe, interfere, com o interior do organismo: modifica as sensações, muda-as de lugar como se muda um móvel. Estamos no âmbito de uma relação imediata entre palavra e corpo, palavra e sensação” (TAVARES, 2013, p. 256).

A chuva agora já não estava mais tão intensa como antes, volto novamente a sentar na cama e começo a reparar que das minhas duas escrivaninhas, a segunda que se encontra encostado em uma parede de alvenaria exatamente perto da cortina e debaixo da lâmpada dicróica não possui um fechamento de porta como a outra. Logo me pergunto, quantas canelas seriam necessárias para preencher esse espaço? Realmente uma canela de sessenta centímetros é bastante vantajada e diria que para atingir o ideal fossem

necessárias pelo menos umas dezessete dela para que todo o espaço conseguisse ficar bem preenchido.

Mas por que não pensar então em todo o móvel assim? Certamente seriam necessárias quatro pernas para servirem de apoio para dois corpos inteiros deitados, mais o conjunto de dezessete canelas que se assentariam no canto inferior direito e a cabeça como monitor, que para ser sincero, acho que já esta falhando e seja necessário comprar um novo, já que toda hora ele desliga sozinho.

Acho que agora esse corpo-medida e corpo-palavra que tanto falou e metrificou se encontra perfeitamente encaixado nesse espaço, pode ser que uma vez ou outra ainda sinta necessidade de se reencaixar, mas com certeza de todas as formas e lados sempre vai ser possível dele se ajeitar.

Praticamente início de segunda, e agora é hora desse corpo desabafo descansar por que ele vai ter que esperar pelo menos mais sete dias para poder encontrar mais um tempinho para recomeçar as recontagens, já que daqui a pouco o celular vai despertar as cinco e cinquenta e minha maior preocupação neste momento vai ser de não perder o ônibus para chegar atrasado ao trabalho.

Cena 02 – Resiliências de um conjunto de 25x25 cm²

Agora não mais dentro de um quarto, contudo, ainda continuo silencioso, como sempre de costume, em meio a todas aquelas idas e vindas, entrelaçado pelos pensamentos que vão, se perdem, ressoam e se reencontram. Permaneço vivendo nesse espaço circundante e **pendular**³, procurando me entender, descobrir o meu lugar, encontrar um eixo central, neste grande habitar construído pelo homem.

Este lugar ao qual procuro me acolher ainda não me faz reconhecê-lo, diariamente ao ver aqueles caminhos sempre estáticos e também tão íntimos, instigo-me a querer procurar elementos que justificam o meu ser (CESAR, 2015).

³ Conforme Marandola Jr. e Ojima (2014) implica na troca de pessoas (trabalhadores, consumidores, di-nheiro) entre as cidades a partir do ir e vir diário.

Perdido por um bom tempo estive, sem realmente entender ou poder compreender as nuances que se faziam ao meu redor, afinal qual era a minha real **Quadratura**⁴? E foi assim, que a poesia se apresentou, ingênua e um pouco tímida, mas consistente, e através dela encontrei uma base para se apoiar e por tempos refletir em meio a tantas inquietudes que me preenchiam, e me consumiam, em como deveriam ser os passos para eu me redescobrir nessa imensidão de pedra.

Em meio a tantos deslocamentos, não consegui enxergar um lugar ao qual eu pudesse criar o sentimento de fazer parte, pertencer, aqui ser e estar. Estava sempre rodeado daquelas cadeiras de plástico azuis, enquadrado por esse grande casulo metálico cheio de barras e assentos, que minhas correntes tentavam diariamente se desprender.

Todos os dias, três casulos metálicos eram necessários para que todo o percurso fosse cumprido, e assim, entre um e outro, um *pit stop* em sua base central, ou mais formalmente, os terminais. Sim, aqueles terminais sempre apáticos, ritmados por dois traços de um relógio que contabilizam e sugam toda a nossa energia, sempre cheios; barulhentos; solitários de espírito; escuros; imprevisíveis; uma verdadeira extensão da indiferença.

Sempre ficou notória a presença em todos esses percursos diários, que uma parte dessa imensidão de pedra ainda a ser conquistada ou talvez até nunca, se

⁴ A palavra faz referência à forma como Constança Cesar (2015, p. 253) em seu artigo "Habitar Poeticamente a Cidade", diz: "E os homens, como mortais, são os que primeiro apreendem o mundo como mundo, isto é, tem consciência da Quadratura, habitam o mundo".

fazia desejada, chegando a parecer até inalcançada, mesmo apesar de sempre tão próxima.

A vulnerabilidade presente em todas as conexões e transformações na forma urbana, elucidam ainda mais as tensões diárias vividas por esses itinerários. A cidade acaba se tornando mais líquida, a mobilidade fluidifica e as conexões aumentam (MARANDOLA JR.; OJIMA, 2014).

Durante muito tempo, presente nessas desconexões pendulares percebi através de minhas analogias em relação a essa “imensidão” que o Lado De Lá são como muros altos de concreto rígido, envelopados ou não com uma linha de revestimentos muito convidativas a querer ser, a parte dela fazer; as vias sempre muito largas e bem definidas; as “marés” como identifico as grandes e extensas avenidas sem o fim poder avistar e o silêncio, como costume chamar o cotidiano, é mais alto que o sussurro presente em todo o não-lugar.

Todos os dias por esses mesmos caminhos refaço os passos que reforçam quem eu tento habitar, sempre rotineiro, vagando por esta imensa selva urbana aonde todos que no cotidiano junto a mim percorrem, buscam criar sua história, deixar sua memória, marcar no não-lugar de muitos um pequeno habitar.

Resiliente, eu quero permanecer nestes limítrofes, essas estruturas colossais abraçadas por essa sobremodernidade que sempre refletem meu cotidiano, acompanhadas por multidões de outras sombras, também perdidas e presas a seus próprios pêndulos, às vezes me descriminam, muitas vezes me diminuem, me desaprovam no meu próprio habitar, me excluem até mesmo neste não-lugar.

A cidade me fragmenta e o movimento não me contém, observo todas essas pessoas presas ao cotidiano, à vulnerabilidade presente em seus caminhares e eu, muitas vezes ali parado, fico tentando entender os nexos por meio dos trajetos diários a fim de justificar os meus.

Resiliente, eu quero ser do Lado De Lá, inserido sei que não estou, mas pertencente quero estar, a “maré” se tornará minha guia durante meus percursos e meus reflexos se tornarão à confirmação de quem sou nessa imensidão. O cotidiano agora se tornara apenas uma opção para a ocasião e a selva urbana mudará conforme minha determinação.

Minhas várias tentativas antes falhas são como o concreto rígido e minha inserção é um conjunto de vários 25x25 cm² em nuances de alto relevo marfim, representados pela linha de revestimentos que eu mesmo escolhi para assentar.

Ainda faço parte daquelas desconexões pendulares e a imensidão já não me assunta, mesmo sozinho nos bancos azuis dos casulos metálicos, a poética me salva diariamente com sua leveza e com ela crio a conexão que me une a esse habitar paralelo, ao qual resido, me edifico e pertença. Meus pêndulos carregam as histórias que decoram toda essa minha transição, agora me reconheço, sou fluxo, sou líquido, sou parte, sou terminal, sou **ponte**⁵.

Cena 03 – Um dia como “inumanos”⁶

Em mais uma manhã que acordo, olho para os lados, ainda sem entender perfeitamente a dinâmica presente no lugar, tento por vezes me localizar, então sento e sempre me questiono: e amanhã, como será? É nessa utopia de espaço-tempo em que diariamente me imagino, mas na verdade eu prefiro não começar me

⁵ A palavra faz menção à forma como Constança Cesar (2015, p. 253) a descreve. “A ponte é, antes de mais nada, uma forma de passagem, que une duas margens”. “[...] ‘concede aos mortais um caminho’ [...] e possibilita a estes uma superação do que neles está submetido ao hábito. “[...] é uma coisa, isto é, um lugar, um símbolo do acordo instituidor de um mundo”.

⁶ A palavra faz menção à forma como Rogério Haesbart (2015) a utiliza em seu artigo “Sobre as I-mobilidades do nosso tempo (e das nossas cidades)”.

perguntando isso, mas sim, cultivando meu corpo, minha alma, meu psicológico, meu ser/permanecer. Apesar disso, sei também que, utopias são apenas para serem sonhadas e idealizadas, e talvez seja este o motivo de me pegar tantas vezes preso a ela.

Se tornar parte da cidade, de seus ritmos, é se perder na multidão, fundir-se aos espaços, é também experienciar a ambiência, sentir as sensações e estímulos que são provocados cujos caminhos; cores; cheiros e ruídos proporcionam a partir de distintas direções e sentidos que se configuram pelo espaço (ECKERT; ROCHA, 2001).

Hoje, não tenho uma profissão e também não tenho um lugar, minha classificação na escala de pertencimento se encaixa dentro dos chamados não-humanos; também sou o antagonista de muitos sonhos, e costumo dizer que preencho os lugares aonde esqueceram de semear. Minhas marcas sempre perdidas ao vento reafirmam o que chamo de habitar e o intemperismo de todos os dias me aquece, às vezes também me molha, sempre me lembrando que ali não devo ficar.

Vivo no tempo das múltiplas e complexas formas de i-mobilidades, cada vez mais recluso, acabo relegando até minha própria espécie, forçado, minha humanidade foi subalternizada ou até completamente banida, vago por rotas desconhecidas, em meios a muros visíveis e invisíveis, resiliente as fronteiras internas em meio à insegurança e o medo (HAESBAERT, 2015)

Um não habitante que se faz presente em um território fragmentado como este e percolado pela globalização, é um fruto podre das noites escuras envolvidos por retalhos rasgados. Também já ouvi dizer como: a escória da mobilidade que não é possível mostrar; não é humano, ou melhor, um "inumano" já que os olhos não se permitem ver.

O controle da relação espaço-tempo parece sempre ser bastante disputado por aqui, porém isso não me enche tanto os olhos, mas eu sei que, se todos soubessem que naquela praça do final dessa rua, mais especificamente, depois da linha amarela, ou melhor, se todos soubessem da linha amarela de ipês que cortam aquela praça que comumente é chamada de Encontros que fica no final desta rua, é na verdade,

um lugar de apenas idas, sem confirmação de voltas, tenho certeza, que minha classificação subiria. Mas quem daria ouvido a isso, pelo menos é certo que depois das 23h15min a volta está praticamente cancelada e os encontros confirmados.

Uma praça marcada por lembranças, vazios e memórias. Não existem mais crianças nos parquinhos e nas quadras, os bares antes da linha amarela, estavam fechados e abandonados, mas cheios de rostos familiares que também possuíam a mesma cidadania que a minha. Contudo, os bares depois da linha amarela estavam sempre vazios e os ventos sussurravam ao anoitecer, as árvores eram ainda mais frondosas assim como o próprio medo.

Ainda em meu trajeto, olho para o relógio na parede da loja de cor laranja e percebo que mais da metade do dia já havia se passado, olho para esses corpos vazios que perpassam por mim durante todo o momento e tento encontrar alguma peculiaridade, que me faça se sentir tão diferente dos outros.

Em busca de diálogos e encontros distintos daqueles em que o deslocamento permite, são nos pequenos gestos e olhares daquele espaço em questão, que me sinto propício a abertura para uma aproximação um pouco mais duradoura (ECKERT; ROCHA, 2001).

A cultura e a comunicação dos consumos tomam a sociedade tradicional e a dissolvem, esta nova metrópole é sujeito transdisciplinar e não é pertencente a ninguém, aonde todos têm de atravessar e se cruzar (CANEVACCI, 2004).

Minha percepção, minha sensibilidade no olhar e a arte no ver, minha velocidade em decodificar afinam, mudam, pluralizam, acelera. Essa metrópole comunicacional não começa e nem termina dentro deste meu circuito, os sentidos são finitos e a cidade é polifônica (CANEVACCI, 2004), com tantas vozes que chego a não encontrar a minha.

Cansado já de andar, chego ao final da rua e resolvo sentar numa mesa arredondada de bancos de concreto na praça. Após alguns minutos sentados, bem de longe, ouço umas melodias que se assemelham ao reggae e sinto por leves segundos que as distancias se diluem, as localizações se relativizam e eu, um quase “não-humano” sempre forçado a essa mobilidade compulsória, fecho os olhos e apenas sorrio.

Minha observação sistemática vai sendo realizada a partir dos deslocamentos pela rua, é possível perceber as intensidades dos diferentes horários, os lugares de sociabilidade da mesma, a forma com que os indivíduos/grupos se comportam e até mesmo as formas de olhares e se cumprimentar, todos evidenciados ao caminhar, a partir dos aspectos que dão forma estética deste território (ECKERT; ROCHA, 2001).

Rapidamente o cair da noite chega, após um dia tão proveitoso, vejo que o movimento vai se reduzindo; os caminhos carregados daqueles corpos vazios se tornam mais desertos; as ruas ficam mais solitárias; as poesias adormecem para amanhã um novo recomeçar; as luzes se acendem aos poucos e eu, este fragmentado “inumano” me sento por aqui, em meio a algumas folhas velhas, enrolado em meus retalhos rasgados de cor azul e bege.

Por certo momento, me senti aliviado e respirei profundamente. Depois de andar o dia inteiro sem um destino certo, e ainda poder ver a cidade cinza ganhando algumas cores ao entardecer, é realmente fascinante.

Contudo, rapidamente tudo isso se transforma, vejo uma luz forte vindo em minha direção, e percebo que as folhas aos quais juntei ao entardecer eram dos ipês amarelos, o relógio central da praça ressoa a batida da meia noite, a fascinação da lugar ao desespero, eu sabia que naquele momento, meu encontro estava prestes acontecer, e desta vez, pelo menos alguém iria me notar, mesmo que fosse pela primeira e última vez.

Cena 04 – Querido diário tarkovskyniano⁷

Quarta-feira, sete e vinte da manhã, o celular me desperta com uma música instrumental chamada Blue Jeans da cantora norte-americana Lana Del Rey e assim, mais um dia se inicia. Logo em seguida, levanto e desativo o alarme do celular que fica em cima da escrivaninha de madeira e sento na cadeira que fica encostada na parede, perto da porta de madeira branca. Após alguns minutos acordado olhando para o celular, levanto novamente e abro as cortinas para que a luz possa invadir o quarto e o sono não seja mais um empecilho tão grande, o que muitas vezes ainda não continua sendo uma tentativa tão bem-sucedida.

Cortinas abertas, cama arrumada, quarto ainda em desordem, é hora de correr para o banho por que tenho apenas quarenta minutos para se arrumar e chegar ao ponto de ônibus, que fica exatamente a cinco minutos da minha casa.

Chego ao banheiro, fecho a porta, pego a toalha verde-musgo embaixo do armário, coloco uma música agitada que servirá de cronômetro pra quando eu ligar o chuveiro, e lá começamos, bucha vegetal ou bucha de rede? Na verdade, não tenho muito tempo pra pensar, então vamos de vegetal mesmo.

⁷ A palavra adjetivada foi retirada do documentário “Dirigido por Tarkovisky” (1988) e faz menção ao sobrenome do cineasta russo Andrei Tarkovisky, referindo-se a sua cuidadosa forma de construção em cada cena, assim como, todo rigor em seu processo de criação marcado pela riqueza de detalhes.

Acabo o banho, olho para o guarda-roupa, paro, penso, penso novamente e me pergunto: e agora? Hora de escolher a roupa e pra não errar pego logo a calça preta, que combina com qualquer blusa, prendo duas pulseiras no braço, pego o creme, penteio, penteio, ajeita o cabelo de um lado, vira pra ajeitar do outro, finalizo tudo com um perfume e pronto! Ainda em dúvida, mas pronto por que o tempo corre.

Subo pro segundo andar para tomar café, logo, pego a garrafa; coloco café até a metade do copo, preencho mais um pouco com leite e acrescento meia colher de açúcar. Pego a faca do cabo vermelho para cortar o pão-de-sal, passo manteiga dos dois lados e complemento com queijo e presunto. Sento-me à mesa, sempre na segunda cadeira do lado direito, perto da cozinha, próxima a televisão, olho para o celular e já são sete e cinquenta e cinco.

Desço as escadas rapidamente, pego minha mochila que na verdade sempre tem as mesmas coisas, coloco meu tênis branco sem meia e ainda restam mais três minutos. Pego a chave, abro o portão, subo correndo o morro rapidamente, viro à direita, assemelhando-se aquela aventura estilo indiano Jones correndo por todos para chegar ao ponto no tempo certo e pronto! Perdi o ônibus.

Cena 05 – Irene

Novamente, no mesmo quarto em que comecei a fazer esses desabafos, agora me encontro encostado em minha nova parede de cor Ágata Delux, uma espécie de cinza chumbo, recém-reformada, debruçado sobre meu travesseiro de listras cinza.

A minha frente uma parede totalmente branca e um entulho de caixas, algumas sacolas, uma trena verde e minha mochila preta. O ventilador ressoa o único barulho que o quarto pode ecoar, as inúmeras paisagens criadas representam este meu processo de criação, através das palavras narro, imagino, descrevo e instigo.

Há momentos na história em que a utopia, um fragmento de utopia pelo menos, parece se realizar. Foi o caso na França em 1936, com a criação das férias pagas que permitiu a numerosos franceses descobrir algumas paisagens de seu país (AUGÈ, 2010, p. 107).

Minhas narrativas representam as grafias que meu corpo permite absorver, as vibrações que o habitar consegue me apresentar, um misto de **dança, linguagem, liberdade de expressão, um novo Gaga**⁸. Fluída, orgânica, se recria e se reinventa a partir do momento em que eu também permito me transformar, sou os traços que carrego desse caminhar e o meu ser é o reflexo de todas as outras narrativas que em contato meu corpo presente se fez.

Esta visão não é limitada somente a capacidade ocular – “se o olho é a **janela da alma**⁹, então você deve olhar com outro olho”, e assim, para cada experiência um olhar estará condicionado, e a ele, toda uma carga de interpretação.

Portanto, eu me crio, me reinvento, me transformo, retrocedo, evoluo, me renovo, me narro, sou meu processo de criação, um geógrafo-explorador, sou cidade; cinema; narrativa; sou cine-narrativas, e por que não Irene?

Irene, por exemplo, é uma cidade que não é a mesma para cada um de seus habitantes, ou para aqueles que a veem de cima, do planalto, ou a veem de dentro, e de dentro quando estão indo embora, ou de dentro quando estão chegando. Ela é vívida e experienciada de maneira diferenciada por cada existente (MARANDOLA JR., 2006, p. 50).

⁸ O contexto apresentado faz referência ao documentário de Tommer Heymann “Gaga – o Amor Pela Dança” (2015) e sua batalha pela dança como forma de liberdade de expressão, travada com o intuito de conseguir criar sua própria linguagem e torná-la reconhecida perante todos.

⁹ Palavra em referência ao documentário “A Janela da Alma” (2004).

REVERBERAÇÕES

Em meio a tantos balizadores, as experimentações a partir da linguagem poética permitem que diferentes formas de se expressar sejam realizadas, principalmente, por estas transmitirem todo seu estado de espírito. Dessa maneira, a jornada dos geógrafos-exploradores se torna ainda mais interessante, as possibilidades aumentam, as cidades imaginárias passam a ser exploradas, criando assim, novos lugares de encontros e passagens.

Depois de todas as provocações auferidas pelos estímulos e protocolos inseridos, é possível perceber por meio do cine-narrativas os rizomas de sua experimentação e possibilidades de entradas para percorrer o caminho do imaginário a ser traçado durante sua leitura.

Para cada nova interpretação existe inúmeras possibilidades de se adentrar a diferentes janelas, e assim, poder criar cenas que correspondam à forma como o leitor consegue vivenciar e recriar o espaço em que todo esse filme acontece.

Portanto, o caminho orgânico ao qual todo o processo foi se promovendo permitiu que o cine-narrativas ressoasse os diferentes estímulos sensíveis que entrelaçados a suas bases conceituais, tomaram sua forma a partir dos campos de encontros e passagens que se faziam presentes em todas suas narrativas.

As cidades imaginárias descritas [...] são o resultado da leitura do explorador, através do percurso de sua experiência e dos seus próprios juízos de valores. Não se podem atribuir estas descrições à voz, ou à imagem, ou à escrita. A responsabilidade é do ouvido, do olhar e da leitura (MARANDOLA JR., 2006, p. 49). 

REFERÊNCIAS

- AUGÈ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: Ed. UFAL, 2010.
- CANEVACCI, Massimo. Metrópole comunicacional. **Revista USP**, n. 63, p. 110-125, set./nov. 2004.

CESAR, Constança M. Habitar Poeticamente a Terra. **Revista de Propriedade Intelectual - Direito Constitucional e Contemporâneo**, v. 9, n. 2, p. 251-254, 2015.

CEZAR, Pedro. Só dez por cento é mentira. **Ancine: Brasil**, 2008.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. **Iluminuras**. Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, número 44. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2001.

HAESBAERT, Rogerio. Sobre as I-mobilidades do nosso tempo (e das nossas cidades). **Mercator**, v. 14, n. 4, p. 83-92, 2015.

HEYMANN, Tomer. **GAGA – O Amor pela dança**. Israel, 2015.

JARDIM, Joao; CARVALHO, Walter. **Janela da alma**. São Paulo: BR distribuidora, 2002.

LESZCZYLOWSKI, Michal. **Dirigido por Tarkovisky**. Suécia, 1988.

MARANDOLA JR., Eduardo. Narrativas calvinianas: da descrição do explorador ao percurso do andarilho. **Rua**, v.12, n. 1, p. 45-58, 2006.

MARANDOLA JR., Eduardo; OJIMA, Ricardo. Pendularidade e vulnerabilidade na região metropolitana de Campinas: repercussões na estrutura e no habitar urbano. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 16, n. 2, p. 185-203, nov., 2014.

MOREIRA, Maria Elisa R. Breves notas sobre o corpo: um diálogo com Gonçalo M. Tavares e Os Espacialistas. **Revista Gearte**, v. 4, n. 1, p. 96-107, abr., 2017.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado. O exemplo de Agrado: imagem, técnica e autenticidade. **Educar em revista**, v. 21, n. 26, p. 53-65, 2005.

TAVARES, G. M. **Atlas do corpo e da imaginação**: teoria, fragmentos e imagens. Alfragide: Caminho, 2013.